

IbnRushd (Averroes) , o homem histórico

Andréa Hammini Pires da Silva Avila Franquetto¹
Carla Barcelos Nogueira Soares²

Submetido em 04/2016

Aceito em 05/2016

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso³.

RESUMO:

Ibn Rushd , latinizado como Averroes, viveu na Idade Média, nasceu na cidade de Córdoba, em 1126 e morreu em 1198 na cidade de Marrakech. Quando Ibn Rushd nasceu, três séculos já haviam se passado desde que a filosofia havia sido apresentada aos árabes por Al-Kindi (ATTIE FILHO, 2002, p.300). Ibn Rushd foi um estudioso das obras Aristotélicas e, graças a seus estudos incessantes, o estagirita é apresentado ao ocidente. Além da filosofia, dedicou-se também ao estudo do direito, da física, da medicina, e da astronomia, entre outras artes do seu tempo, exercendo o cargo de qādi⁴. Ao tentar ser fidedigno à obra de Aristóteles, Averroes, inconscientemente, cria sua própria filosofia Averroísta. Neste trabalho buscamos localizar Abdul-Walid Muhammad Ibn Rushd, o grande homem, em seu contexto histórico. IbnRushd introduziu a filosofia aristotélica ao pensamento ocidental, filosofia que até hoje baliza conceitos éticos e científicos.

Palavras-chave: Averroes – Aristóteles – Filosofia - século XII – Islã-Córdoba

ABSTRACT:

Ibn Rushd, Averroes in Latin, lived in the Middle Ages, born in the city of Cordoba in 1126 and died in 1198 in the city of Marrakesh. When IbnRushd was born three centuries had passed since philosophy was presented to the Arabs by Al-Kindi. Ibn Rushd was a student of Aristotelian works and, thanks to its incessant studies, the stagirite is presented to the West. Beyond Philosophy, also devoted himself to the study of law, physics, medicine, and astronomy, among other arts of his time, occupying the position of qadi. By trying to be reliable the work of Aristotle, Averroes unconsciously create his own Averroist philosophy. In this work we try to put Abdul-Walid Muhammad IbnRushd, the great man, in its historical context. Ibn Rushd introduced the Aristotelian philosophy to Western thought, philosophy today enlightens ethical and scientific concepts

Key words– Averroes – Aristotle - Philosophy - XIX century - Islam- Córdoba

¹ Mestre em Cognição e Linguagem, Pós-graduada em História Moderna pela UFF, Professora Livre Docente de Islã, da Mística Islâmica, da Filosofia Averroísta, de Psicologia Juguiana, de Psicologia Organizacional, Palestrante da Idade Clássica Média correlacionada ao Islamismo e à Filosofia Árabe (Falsafa), Acadêmica de História.

² Pós-graduada em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia de Campos, ministra aulas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa para cursos de Ensino Médio e cursos Técnicos.

³ O texto é iniciado desta forma pelo fato de uma das autoras ser muçulmana.

⁴ Juiz.

Averroes era um homem à frente de seu tempo, por vezes, mal compreendido e tido como herege. Ele não foi apenas um grande comentador de Aristóteles, mas como muitos medievalistas muçulmanos, expandiu os princípios da filosofia grega, criando um pensamento original que transcendeu seu mestre Aristóteles nos campos da razão e da religião. Segundo Averroes, para penetrar a natureza do entendimento humano, exige-se um conhecimento perfeito da alma.

Sendo ele um mulçumano sunita do século XII e fazendo parte da corte Almorada, tinha como responsabilidade social nunca ir contra os conceitos da hadit⁵ e valorizar, de maneira coerente, as suras do Corão. Ibn Rushd estava inserido em uma cultura extremamente rígida que ao mesmo tempo reunia o melhor da erudição de sua época, amálgama do pensamento grego clássico, islâmico, judeu e cristão, que foi o berço da civilização intelectual do mundo islâmico.

Naquele período, havia uma influência mística sufista de peso no pensamento islâmico, na qual a razão não era a via principal para se chegar ao conhecimento divino. Averroes rema contra a corrente e introduz o pensamento aristotélico, no qual a razão justifica a fé.

Buscaremos, de forma sucinta e breve, tentar acompanhar e compreender a evolução deste pensador a partir de sua iniciação aos estudos da filosofia, passando por sua historiografia, que abrange desde sua inclusão na corte Almorada, sua luta para defender o que acreditava, a perseguição, o exílio, a morte, e finalmente o legado que deixou como contribuição de grande importância para a humanidade.

Dados Históricos

Averroes (1126–1198) nasceu em Córdoba, Espanha, em um período de grandes tensões na Península Ibérica, em uma família tradicional de servidores da corte da dinastia dos Almôadas. Seu avô, o influente Abdul-Walid Muhammad, falecido em 1126, era o jurista principal de Córdoba, durante a dinastia dos Almorávidas. O pai de Averroes, Abdul-Qasim Ahmad, embora não venerado como seu avô, manteve a mesma posição até que os Almorávidas foram derrubados pela dinastia dos Almoradas em 1146.

Segundo consta, a família Rushd provavelmente a família de Averroes era de origem judaica. Não sabemos ao certo quando ocorreu a conversão ao Islamismo de seus antepassados. O especialista Josep Puig Montada acredita que o nome Rushd foi escolhido

⁵ Corpo de leis, lendas e histórias sobre a vida do profeta Muhammad.

quando ocorreu a conversão dos antepassados de Averroes ao Islamismo, pois *Rushd* é um nome pleno de conotações religiosas. Parece que a escolha desse nome já era uma premonição da escolha do caminho que Averroes viria a trilhar no decorrer da sua vida, o caminho da razão e da fidelidade à filosofia aristotélica.

Primeiros movimentos

Miguel Attie Filho, no livro *Falsafa*, nos relata a passagem pela qual Averroes é incumbido de tecer comentários sobre obra de Aristóteles:

“...um dia, IbnTufayl o chamou e lhe relatou que escutara o emir se lamentar pela obscuridade das obras de Aristóteles e de seus tradutores, dizendo que adoraria encontrar um homem que pudesse comentar esses livros e explicá-los de modo mais claro, para torná-los mais acessíveis aos homens. IbnTufayl, já com idade avançada, insistiu que Averroes tomasse para si esse trabalho, já que possuía grande aplicação nos estudos, clareza, lucidez e inteligência suficientes para tão importante tarefa. Pela sua própria pena sabe-se que de 1169 a 1180 d.C., aproximadamente, Averroes já escrevera o sobre a Física, Comentário sobre os metereológicos, comentário médio sobre a retórica, comentário sobre a metafísica – dentre outros referentes a Aristóteles – e uma paráfrase do *Almagesto* de Ptolomeu”. (ATTIE FILHO, 2002, p. 304)

Em 1182, Averroes foi nomeado primeiro médico substituindo IbnTufayl. Na mesma época, lhe foi concedido o cargo de Qādi. Posteriormente, IbnRushd, pelo seu desempenho na aplicação do silogismo aristotélico em suas sentenças, chegou a alçar o cargo que outrora havia sido de seu avô e pai, de “Qadial-qudah” (ATTIE FILHO, 2002. p. 304), que significa juiz dos juizes. Mesmo após a morte do emir, Averroes manteve sua posição e conseguiu permanecer sob a proteção do novo emir, Al-Mansur, filho de ‘AbūYa’qūbYūsuf.

Averroes escrevia seus trabalhos filosóficos ao mesmo tempo em que se dedicava aos afazeres jurídicos e religiosos. Suas opiniões em relação ao Corão criavam calorosas discussões entre as autoridades da época, por discordarem da maneira que ele se pronunciava com relação às leis corânicas. Os discípulos deixaram de assistir às suas aulas com temor de represálias do emir. Depois de algum tempo, porém, os teólogos radicais lançaram-lhe ataques e injúrias, de modo a exigir do próprio Al- Mansur que retirasse a proteção que lhe confiara.

Averroes viveu ainda por 14 anos depois que Al-Mansur assumiu a posição de seu pai. Nasceu entre os dois uma grande amizade, que passavam horas discutindo sobre filosofia. Quando Averroes chegava ao castelo, dirigia-se ao emir de uma maneira informal, dizendo: *tasma’ yaahi*, que significa “escuta meu irmão” (ATTIE FILHO, 2002, p. 304).

Averroes foi acusado por tentar levar a razão aristotélica, leia-se lógica, para dentro da interpretação das escrituras sagradas do Corão.

Sendo ele um Qadi, tinha o poder de julgar a partir direito corânico, porém, muitas vezes, suas interpretações não foram aceitas pelos radicais que o acusavam de herege. Baseava-se na teologia de IbnTumart (1078-1139), que foi seu precursor, que enfatizava que tanto a razão quanto a revelação poderiam levar à unidade divina, levando-o a crer que a razão e a teologia poderiam ter uma convivência harmoniosa. Isto o convenceu de que a lei deveria ser embasada, acima de tudo, na revelação e não nas tradições jurídicas. A teologia de IbnTumart sustentava que a existência e a essência divinas poderiam ser firmadas através da razão, ou seja, o contato do homem com o divino seria possível através do intelecto, por meio da razão e do silogismo.

O que influenciou muito a sua percepção de filosofia e religião, permitindo que ele desenvolvesse sua habilidade em unir esses temas diferenciados e controversos, foi a sua relação com a dinastia Almorada.

Os comentários sobre obras de Aristóteles

Averroes trabalhou e serviu a dinastia Almorada, gozando de uma certa liberdade para expor o seu aristotelismo, que conciliava revelação, fé, razão e filosofia.

Quando Averroes foi convidado a ler as obras aristotélicas para auxiliar no aprendizado do emir ‘AbūYa’qūbYūsuf, tentou ser o mais transparente e autêntico possível na tentativa de compreender as verdadeiras intenções de Aristóteles. Isso só foi possível devido ao grande interesse do soberano e ao desejo incessante de Averroes para o conhecimento da Verdade.

Averroes comentou em três momentos as obras do Estagirita. Esses comentários evoluem da seguinte forma:

- Nos comentários menores sobre o *Isagoge* de Porfírio, o *Organon*, a *Retórica* e a *Poética* de Aristóteles, Averroes encontra-se muito influenciado ainda pelas ideias aristotélicas;

- Nos comentários médios, envolvendo a lógica, a filosofia prática, a ética aristotélica e a política platônica, temos um Averroes mais amadurecido. Averroes não lia em grego e nem em siríaco. Os textos nos quais ele trabalhou eram escritos em árabe;

- Nos comentários maiores, considerados comentários literais às obras de Aristóteles, incluindo os livros de física e de metafísica, conseguimos observar um Averroes mais original, apesar da sua insistência em dizer que era meramente um comentador de Aristóteles.

Verificamos essa originalidade através de suas obras, tais como Badawi nos

apresenta na *Falsafa*:

“Noventa e dois títulos que podem ser divididos em seis grandes grupos temáticos, filosofia, teologia, direito, astronomia, gramática e medicina. Em filosofia destacam-se 32 comentários, em sua maior parte, referente às obras de Aristóteles, além de 29 títulos originais. Nove obras sobre teologia e jurisprudência, três sobre astronomia e 2 sobre gramática. Em medicina, listam-se 8 comentários, principalmente sobre Galeno e 9 obras originais”. (ATTIE FILHO, 2002, p.308)

Afirmava que o senso comum não estava preparado o suficiente para dialogar com os textos teológicos utilizando-se do silogismo. Os teólogos, por sua vez, estavam um pouco mais preparados para esse embate, mas ainda muito presos a conceitos dogmáticos radicais. Somente os filósofos eram capazes de utilizar o silogismo aristotélico, sem com isso prejudicar a essência real da razão filosófica e da revelação. Para ele, somente os filósofos detinham a capacidade para entender que não havia uma separação entre fé e razão, mas sim uma união na qual somente mentes brilhantes compreenderiam a sutileza da revelação.

Perseguição, exílio e morte

Averroes, por defender essas ideias tão inovadoras e controversas para sua época, caiu em desgraça. Sem a proteção de Al-Mansur, tido como herege, suas obras foram queimadas e sua filosofia proibida.

Exilou-se em Lucena, uma vila judaica fora de Córdoba, junto com outros intelectuais, filósofos e cientistas. Passa por um período de desonra que não durou muito tempo e seu retorno foi pleiteado por pessoas influentes da sociedade islâmica de Sevilha.

Assim que pôde, Al-Mansur requer a volta de Averroes, concedendo-lhe o perdão. A retomada dessa relação dura pouco tempo devido ao falecimento de Averroes no dia 10 de dezembro de 1198, na cidade de Marrakech aos 72 anos de idade.

Seus restos mortais são transferidos para Córdoba três meses depois, sendo enterrados no túmulo de sua família, no cemitério de Ibn Abbas.

As dúvidas sobre a ortodoxia de Averroes persistiram, mas com o desinteresse islâmico por sua filosofia, seus escritos encontraram novos espectadores nos mundos cristãos e judaicos.

Averroes foi um erudito, um sábio para sua época, mas infelizmente não deixou praticamente nenhum discípulo ou sucessores no mundo islâmico, e nem grandes críticos. Os maiores apreciadores de sua obra acabaram sendo os judeus e os cristãos. Sua obra teve leitores ilustres, como Siger de Brabant, Alberto Magno e Tomás de Aquino.

Averroes dedicou três décadas da sua vida ao trabalho junto à Corte Almorada e aos comentários das obras de Aristóteles, tendo como companheiros fiéis de suas ideias a pena, o tinteiro e uma crença na possibilidade de deixar um legado filosófico das obras de Aristóteles.

Averroes teve suas ideias e convicções revividas através dos tempos, sendo ora valorizado, ora criticado pelos estudiosos. Ele foi um islâmico fiel às suas ideias e, segundo alguns estudiosos, o maior filósofo muçumano ocidental. No que diz respeito à Filosofia, tinha uma visão diferenciada, o que o tornava um homem além do seu tempo, formulando uma nova teoria na qual razão e fé poderiam caminhar juntas. O mesmo caminho foi retomado por Santo Agostinho, posteriormente, ao tentar utilizar o pensamento filosófico Grego para justificar a nascente teologia Cristã.

A dificuldade

As obras de Aristóteles e de outros autores, que por vezes já haviam sido traduzidas para o sírio (e talvez também já do sírio para o persa), sofreram então uma nova tradução para o árabe.

Convém ressaltar três aspectos da influência árabe sobre a cultura do medievo ocidental:

- em primeiro lugar, a tradução para o latim de textos científicos antigos, não diretamente do grego, mas através do árabe, bem como a de textos científicos produzidos por árabes. Vários tratados de Hipócrates, que Moerbeke traduziu por volta de 1260, haviam sido traduzidos anteriormente por Gerardo de Cremona e outros, no século XII, em Toledo. Neste mesmo século, os *Elementa* de Euclides conheceram três traduções, todas elas do árabe, através de Adelardo de Barth, de Hermano de Caríntia e de Gerardo de Cremona. O *De mensura circuli* de Arquimedes chegou ao Ocidente pela primeira vez através de tradução de Gerardo de Cremona, o mesmo acontecendo com o *De speculis comburentibus* de Diocles. Foi também através do árabe que se traduziu a obra do Pseudo-Euclides *De ponderoso et levi*, a *Optica* de Ptolomeu e o *De motu et tempore* de Alexandre de Afrodísias;

As obras científicas, dos autores árabes, que foram traduzidas para o latim são: os textos de Química de Ibn Hayyan; o *Liber Ysagogarum Alchorismi* sobre Aritmética; as *Tabulae* de Astronomia e a *Algebra* de Al-Khwarizmi; o *De aspectibus* e o *De umbris* de Al-Kindi; os textos de Química e de Medicina de Rhazes; o *Liber regalis*; enciclopédia médica, de Ali Abbas; o *Optica Thesaurus* de Alhazen; o *De mineralibus* e o *Canon* de medicina de Avicena e o *Liber astronomiae* de Alpetragius. Sem a contribuição árabe, a Medicina, a Ótica, a Matemática e a Astronomia ocidentais talvez não tivessem sido desenvolvidas, por falta de um impulso inicial.

- em segundo lugar, há diversas obras de Aristóteles cuja primeira tradução foi feita do árabe, ou que a tradução do árabe foi dominante até a chegada dos trabalhos de Guilherme de Moerbeke. De tais obras podemos mencionar: do *De coelo* com as traduções de Gerardo de Cremona e de Miguel Scotus; dos *Meteorologica* nas traduções de Gerardo e de Henrique Arístipo; do *De animalibus*, na de Miguel Scotus; da *Metafísica*, também em tradução de Scotus;

Há também uma série de obras pseudo-aristotélicas, por longo tempo atribuídas a ele, que chegaram ao Ocidente através de tradução (ou de redação) do árabe. Citam-se, entre outras: o *De plantis* (de Nicolau Damasceno); o *De proprietatibus*; o *De mineralibus* (de Avicena); o *De pomo*; o *Secretum secretorum*; o *De differentia spiritus et animae*; e, acima de todos, o célebre *Liber Aristotelis de expositione bonitatis purae*, mais conhecido como *De causis*: uma compilação, devidamente adaptada, dos *Elementos de Teologia* de Proclo. Este livro foi comentado por diversos autores medievais, citado por quase todos eles e tido como uma das obras mais importantes de Aristóteles, até que Tomás de Aquino, à luz dos trabalhos de Moerbeke, desvendou-lhe a autoria.

- em terceiro lugar, ao se tratar da influência do pensamento árabe sobre o cristão, no que se refere à recepção de Aristóteles no Ocidente, é preciso mencionar o fator mais importante: a prioridade cronológica do contato da civilização árabe com o mundo grego forneceu aos ocidentais um modelo de leitura de Aristóteles, modelo este do qual todos se valeram generosamente.

A obscuridade das Obras

Aristóteles

Aristóteles é um autor difícil de ser lido. Suas obras, nas condições em que chegaram até nós, são muitas vezes obscuras; algumas delas vistas pelos medievais como um todo harmônico são, na verdade, um conjunto de diversos textos independentes cuja ordem de composição não é necessariamente a da sequência tal como hoje a conhecemos. A *Metafísica* é exemplo disso, dela chega-se mesmo a duvidar se o livro XI seja aristotélico. Cedo se percebeu que a obra de Aristóteles requeria um comentário paralelo a fim de ser compreendida. Surgiu, assim, o gênero das paráfrases e resumos iniciado por Alexandre de Afrodísias, titular da cadeira de

Filosofia peripatética, instituída em Atenas por Marco Aurélio no ano 180 da nossa era. Seguiram-se, entre outros: Porfírio, aluno de Plotino, conhecido principalmente pelo *Isagoge*; a introdução ao tratado sobre *As Categorias*; Siriano, mestre de Proclo; Temístio, professor em Constantinopla por volta de 350; Simplício, imigrado para a corte persa, após o fechamento da Academia, em 529; João Filopono, cristão alexandrino do século VI. Árabes, judeus e cristãos prolongaram o gênero dos comentários e paráfrases até o século XVII, inclusive Averroes. Some-se a isto o fato de que inúmeras obras, como foi há pouco mencionado, foram atribuídas a Aristóteles, quando, em verdade, provinham de outros autores quase sempre neoplatônicos.

A fim de facilitar a compreensão do texto, foram traduzidos também os comentadores de Aristóteles, tanto os gregos, como os árabes. Típico foi o caso da *Ética a Nicômaco* cuja tradução de Roberto Grosseteste já vinha acompanhada pelos comentários de Eustrácio e Miguel de Éfeso. Traduziram-se os comentários de Filopono e Temístio através de *De Anima*; da *Metafísica*, os importantes comentários de Avicena e Averroes.

Dois pensadores árabes foram de fundamental importância para a recepção de Aristóteles no Ocidente: Avicena e Averroes. De Avicena, traduzidos, já por Domingos Gundissalino, os livros *De convenientia et differentia*, *Líber de anima seu sextus de naturalibus* e o fundamental *Líber de Philosophia prima seu scientia divina*. Mais tarde, seguiram-se outros textos. Vocação enciclopédica de médico, jurista e, acima de tudo, de filósofo, seria impossível pensar os séculos XII e XIII sem ele que, na verdade, mais do que Aristóteles, foi quem iniciou os medievais na metafísica. Com precisão, percebeu-se que tanto o agostinismo como o aristotelismo receberam, na Idade Média, um cunho avicenisante.

Averroes

Averroes merece lugar especial entre todos os comentadores de Aristóteles e não sem razão foi conhecido como O Comentador. Além de inúmeras obras de cunho mais pessoal, nas quais se refere constantemente a Aristóteles, deteve-se, ao longo da vida, a manusear os livros aristotélicos. De seu trabalho surgiram três tipos de comentários: os *comentários menores*, que são como um epítome ou resumo da obra; os *comentários médios*, em forma de paráfrases, tal como o fizera Avicena; e, enfim, os *comentários maiores*, nos quais o texto é dividido em pequenas partes, e cada uma delas exposta,

num minucioso trabalho, onde as frases e as palavras são dissecadas, e que serviu de modelo para o trabalho de Tomás de Aquino.

A influência árabe no pensamento medieval

Durante o século XIII, foi traduzida para o latim boa parte das obras do filósofo cordobês, tendo mesmo acontecido que, de diversas delas, como, por exemplo, de seu comentário à *República* de Platão, perdeu-se o original árabe restando tão somente a tradução hebraica e a latina que talvez tenha sido feita a partir da hebraica. O fato de existirem hoje 62 manuscritos latinos de seu comentário maior à *Física*, 36 ao *De Coelo*, 56 ao *De Anima*, 59 à *Metafísica* e 24 à *Poética* (da qual há apenas 2 manuscritos da tradução de Moerbeke), e o fato de que a célebre *Edição Juntina* da obra aristotélica realizada em Veneza, no início do século XVI, tenha levado o título de *Aristotelis opera cum Averrois commentariis* dispensam maiores comentários a respeito de sua importância para a Filosofia do medievo ocidental.

Quando os medievais foram ler e comentar Aristóteles, não estavam realizando um trabalho pioneiro sem precedente histórico, não estavam criando a partir do nada, tinham diante de si as leituras, interpretações e comentários feitos pelos antecessores gregos, árabes e judeus. As pesquisas do século XX e as edições latinas de autores não-cristãos permitem, cada vez mais, que se mensure com maior precisão a importância destes pensadores na leitura que os ocidentais fizeram de Aristóteles.

RELIGIÃO

O islã

O surgimento do islã tem data e local demarcados: o começo no século VII, na península árabe. É bem verdade que o lugar já tinha sido palco há séculos da revolução monoteísta, a fé em um deus único que foi introduzida pelo judaísmo e pelo cristianismo, o que provavelmente facilitou a recepção da nova crença. Contudo, é incrível e quase impossível compreender a fantástica revolução do islã sem estudar as condições históricas concretas em que Muhammad e seus seguidores atuaram.

A Arábia do futuro profeta vivia à margem das duas superpotências do oriente médio da época: a Persia e o Império Bizantino. A capital era Constantinopla (hoje Istambul), que surgira com a divisão do Império romano em dois, Império Romano do Ocidente e do Oriente, em 330 depois de Cristo. Como resultado, disputas religiosas

transformaram-se, automaticamente, em conflitos políticos. Com isto, a fé Cristã se viu envolvida em ásperas disputas, baseadas por exemplona discussão sobre a própria natureza de Cristo- seria Jesus um ser divino ou um ser humano? Pode parecer sem sentido e difícil para nós atualmente compreender o alcance e a intensidade de uma discussão desse tipo, mas, só após vários concílios ecumênicos, ficou determinada a natureza dual do Filho de Deus: a um só tempo divina e humana, doutrina aceita até hoje nas Igrejas Ortodoxa e Católica.

A base islâmica

Quando a religião islâmica vinhado deserto árabe, no chamado Crescente Fértil – religião em forma de meia lua situada entre a costa leste do mediterrâneo e o golfo pérsico - aproveitou-se da frustração e da insatisfação daqueles perseguidos etnicamente mais próximos dos árabes do que dos bizantinos. É um povo muito carente economicamente e com um número grande de mulheres e crianças que acreditavam encontrar uma harmonia e um lugar melhor na sociedade. É importante ressaltar que o islã não aceita o escravismo.

Além dos problemas e divergências internas, Bizâncio teve de enfrentar muitos inimigos externos sofrendo reduções periódicas e significativas de seu território. As ameaças vieram, em geral, do Oriente: invasões de nômades da Ásia Central e inúmeros confrontos com os Persas exauriram militarmente os bizantinos. O Império Persa, herdeiro da velha civilização do zoroastrismo- antigo sistema religioso-filosófico que teve Zaratustra (Zoroastro ou Zoroaster) como seu profeta-fundador mítico no século VI antes de Cristo-, constituíra o único estado à altura do Império romano e do Império Bizantino.

O comércio de trânsito internacional beneficiou essa região semisselvagem, em particular, a cidade de Meca-tradicional centro de peregrinação, graças à presença de uma estranha pedra negra- um meteorito de trinta centímetros reverenciado como sagrado - junto ao qual mais tarde se ergueria uma construção em forma de cubo, a Caaba, considerada pelos muçulmanos a casa de Deus.

O islamismo foi fundado no ano de 622 na região da Arábia conhecida atualmente como Arábia Saudita. Seu fundador, o profeta Muhammad, reuniu a base da fé islâmica num conjunto de versos conhecido como Corão.Segundo ele, as escrituras foram reveladas a ele por Allah por intermédio do anjo Djibrail.

A revelação

O Islã é uma religião baseada na revelação que Muhammad teve, com a idade de quarenta anos, através do anjo Djibrail no ano de 610 d.C. Esta revelação aconteceu enquanto ele se encontrava em meditação, uma prática que realizava desde menino. Na noite da revelação, a luz divina iluminou sua consciência e, apesar de analfabeto, o profeta teve condições intelectuais para ditar o Corão, uma obra que versa sobre todos os detalhes do dia-a-dia do muçulmano, tanto no plano espiritual como administrativo dos rituais, das celebrações religiosas, da indenização devida à mulher em caso de divórcio e de um código de ética humana que proibia o assassinato de recém-nascidos não desejados.

Durante 20 anos, o profeta ditou uma nova lei que foi organizada em capítulos mais ou menos longos chamados suratas ou sunna. Fez isto sem qualquer hesitação apesar do impacto da nova religião sobre o cotidiano da sociedade. Como afirmava que era o Anjo Djibrail quem ditava o texto, nunca se disse autor do Corão.

A fuga do profeta para a cidade de Medina, conhecida como Hégira, dá início ao calendário muçulmano. Em Medina, a palavra de Deus revelada a Muhammad conquistou adeptos em ritmo acelerado.

Averroes e a Educação

Ainda sobre sociedade e política, Averroes concebe a sociedade como um complexo educativo, educacional, uma escola onde o governante é um educador. Para ele a sociedade tem três camadas: A inferior, onde ficam aqueles que buscam o prazer cuja virtude deve ser a temperança; acima desta, a camada dos que buscam a honra cuja virtude deve ser a fortaleza; e a camada superior onde ficam os sábios, aqueles consagrados à contemplação e guiados pela sabedoria. Para Averroes, o único sinal externo da legitimidade do governante é a sabedoria. Ele conduz os cidadãos e os educa.

Sobre filosofia e religião, convém dizer que Averroes faz uma distinção entre filosofia e teologia. Ele determina os territórios da teologia e da filosofia fazendo uma separação clara entre a teologia (crença) e a filosofia (razão).

A interpretação racional de Averroes

Para Averroes, a filosofia é a religião dos sábios e a religião a filosofia dos povos simples. A grande massa só pode alcançar a felicidade mediante a verdade revelada, não sendo conveniente que se envolva em questões filosóficas, visto que não estão capacitados para isso, não foram dotados para isso. Não se deve permitir a divulgação de doutrinas que possam suscitar dúvida religiosa nas pessoas simples.

Já os que estão capacitados para isso devem se envolver, ou seja, os que estão capacitados para buscar a filosofia devem fazê-lo buscando a sabedoria e a verdade através da filosofia como obrigação imposta pelo próprio Deus, que os dotou com essa capacidade. Os sábios são minoria e o saber filosófico constitui o cume da ciência e da felicidade. O sábio e o filósofo alcançam a sabedoria e a verdade, a felicidade pela e através da Filosofia.

Filósofo original, profundo, crente, muçulmano sincero, Averroes interpreta racionalmente a religião. O filósofo cordobês entende que deve existir uma concordância necessária entre o saber racional e a autêntica religiosidade, mas não com a religião popular.

Segundo Averroes, os que negam a licitude e a legitimidade da filosofia colocam-se contra a própria natureza humana racional e ignoram a verdadeira lei religiosa, pois Deus, sendo o autor da razão, não quer o seu uso incorreto. Portanto é não somente lícito mas também obrigatório a busca da verdade através da razão por aqueles que estão devidamente preparados para fazê-lo, ou seja, os filósofos.

FALSAFA (FILOSOFIA ÁRABE)

Ibn Rushd e a Falsafa

Revedo todo o desenvolvimento das obras deixadas por seus predecessores sob uma interpretação das obras de Aristóteles para recobrar a doutrina autêntica do pensador macedônio. Afinal, por volta do século XI d.C/ VH., Ibn Sina- o mais oriental dos falsafas- era uma alusão à filosofia grega na parte oriental do mundo muçulmano, inserindo nas teses de Aristóteles um caráter neoplatônico. Reconduzindo o pensamento

da filosofia aristotélica, Ibn Rushd exerceu o pensamento aristotélico original do mundo muçulmano, no ponto mais ocidental: a Espanha.

Lembrando que, até aquele momento, a especulação filosófica se desenvolveu sobremaneira a partir da ascensão da dinastia Abássida- com capital em Bagdá- que determinara uma dura queda à dinastia Almorávida com capital em Damasco. Entretanto, há mudança de poder no mundo islâmico na época, os árabes já haviam conquistado o sul da Espanha, região com muitos governantes Sírios que lá se instalaram e contribuíram para a arabização de diversas províncias da região ibérica. Anteriormente à queda dos Omíadas, a região de Al- Andalus era gerenciada por governadores dependentes de Damasco que foram derrotados pelos Abássidas. O jovem Abd Al-Rahman, salvo do massacre de 750 d.C. com o apoio dos sírios, Abd Al Rahman conseguiu impor-se aos chefes locais e, em julho de 750 d.C., foi proclamado emir em Córdoba e reinou até 788 d.C., ano de sua morte.

Naquele período, sob o domínio dos Omíadas, Al- Andalus conheceu seu apogeu e sob suas luzes se fez da Espanha o maior centro intelectual e artístico do Ocidente. Apesar de toda a instabilidade política, no campo religioso na Península Ibérica em Córdoba - Al- Andalus - conviviam muçulmanos, cristãos e judeus durante séculos tolerando-se. Nesta época, notava-se uma grandeza política, econômica e intelectual, na qual a filosofia não podia estar ausente. Esse ressurgimento do califado Omíada durou aproximadamente cem anos, em 1031d.C., o último califa Hisham III foi deposto com isso ocorreu uma ruptura em pequenos Estados independentes denominados de reinos taifas. No séc XI d.C./ VH., e no séc XII d. C./ VI H., Al- Andalus já não era uma primazia árabe, mas turca pelo leste e berbere pelo oeste. No Magreb, ocorreu uma revolução durante o período juvenil de Ibn Rushd: os Almôadas derrubaram a dinastia Almorávida e se apossaram sucessivamente do noroeste da África e da Espanha muçulmana.

Foi nesse contexto que a filosofia inaugurou um novo perfil geográfico com Ibn Bajja (Avempace), Ibn Tufayl e Ibn Rushd, não mais centrado em Bagdá ou em Hamadan, mas, também, na Europa- mais precisamente na Espanha. Mesmo tendo havido um intercâmbio entre as duas partes orientais e ocidentais do mundo islâmico, não implicou em rivalidade entre os dois cantos do império. Al-Andalus, sempre que pôde, disputou com os Abássidas, tanto política como culturalmente. Estruturas políticas e culturais estão presentes na postura adotada por Ibn Rushd frente aos seus

antecessores do extremo oriente do império. Porém, antes dele, a Espanha muçulmana inscrevera eruditos de impotência: Ibn Bajja e Ibn Tufayl.

Ibn Bajja, nascido em Saragoza, esteve em Sevilha e Granada e morreu em Fez, em 1138 d.C. deixou alguns tratados que iniciaram os aspectos próprios da filosofia no mundo árabe-espanhol. Ele preparou o terreno para a exposição islâmica da doutrina aristotélica que chegaria ao apogeu com Ibn Rushd. Ibn Tufayl estudou medicina e filosofia em Córdoba sob a proteção do califa 'Abu Ya 'qub Yusuf- mecenas generoso das ciências e da filosofia. Foi médico da corte e tinha influência junto a 'Abu Ya qub, tendo lhe apresentado Ibn Rushd.

Considerações finais

Averroes seguiu os passos de seu pai e seu avô tornando-se um qâdi e um homem muito respeitado dentro da comunidade islâmica, cristã e judaica.

Na tentativa de ser o mais puro possível no pensamento aristotélico, Averroes acaba criando a sua própria filosofia que vem em resposta às lacunas do seu mestre, Aristóteles, que não teve tempo de completar. Desta forma, Averroes teria a mesma visão de seu mestre, mantém a mesma linha de pensamento de conceber o universo como uma totalidade sempre em movimento e transformação, na qual todos os seres formam uma escala de graus de potencialidade e atualidade desde o ato puro, que é Deus, que é o motor necessário, pois tem em si o princípio de movimento até a pura potência identificada com a matéria prima.

Averroes superou seu mestre nas questões que dizem respeito à imortalidade da alma e ao intelecto puro (Deus). Ao estudar mais a fundo as obras traduzidas para o árabe, Averroes percebeu e questionou a veracidade de tais textos, dos quais muitos eram dados como de Aristóteles, mas na verdade eram platônicos, pois concebiam a alma separada do corpo, fato do qual jamais um naturalista poderia conceber.

Sendo Averroes um homem religioso e conhecedor do Corão, tentou de maneira exímia conciliar fé e razão e, por levar o aristotelismo para dentro do Corão, foi considerado herege, porque tinha idéias além de seu tempo, valorizava a mulher e usava o silogismo como forma de julgamento. Portanto conseguiu ter diversos inimigos políticos e religiosos que não pouparam esforços para que ele fosse desmoralizado diante de sua comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Tomás de – De unitate intellectus contra averroistas, trad. De A. de Libera, Paris, GF – Flammarion, 1994, p 288.
- AVERROES, Compendio de Metafísica, trat. De Quirós, pp. 102-103. Cf. Tahāfut, pars 432-433; p.340; p. 260.
- AVERROES, 1126-1198. Discurso decisivo. Martins Fontes, São Paulo, 2005.
- BOEHNER, PHILOTHEUS E GILSON, ETIENNE. História da Filosofia Cristã Editora Vozes – Petrópolis, 1991.
- COSTA, José Silveira da .Averróis, o aristotelismo radical. editora moderna. São Paulo 1994.
- FILHO, Miguel Attie – Falsafa, a filosofia entre os árabes – Ed. Palas Athena São Paulo 2002 – pp. 303-304.
- GOMES, Pinharanda – História da filosofia portuguesa, a filosofia árabe-portuguesa Guimarães editores, Lisboa, 1991, p. 176.
- HILLER, H. Chad - www.iep.utm.edu/i/ibnrushd.htm
- LALANDE, ANDRÉ. Vocabulário técnico e crítico da Filosofia – Ed. Martins Fontes SÃO PAULO, 1996.
- MONTADA, Josep Puig – Averroes, juez, médico y filósofo andalusí. Ed. Junta de Andalucía, Andalucía – Espanha, 1998.
- MONTADA, Josep Puig. Averroes. Ediciones del Oro. Madrid, 2001.
- RUSS, Jacqueline. Dictionnaire de Philosophie. Ed. Bordas, Paris, 1991.
- TAYLOR, R. Metafísica. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 1969.
- TAYLOR, Richard. Metafísica. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 1969.